Bancos prevêm melhores condições

RÉGIS NESTROVSKI

Especial para O GLOBO

NOVA YORK — “O Brasil está em condições de procurar uma melhor negociação com os bancos americanos e internacionais. A balança comercial do País, assim como os progressos na área petrolífera fazem o Brasil mais respeitado e com maior credibilidade no exterior. O grande exemplo é que quando o Eximbank americano abriu uma linha de crédito de US\$ 1,5 bilhão este ano, mais de US\$ 6 bilhões foram possíveis, tamanho o desejo dos bancos de entrarem no pacote”. Esta é a opinião de um banqueiro americano com assento no Comitê de Assessoramento da

Dívida Externa Brasileira do Fundo Monetário Internacional, que preferiu não se identificar. No dia 2, o Comitê, sob a chefia do Vice-Presidente do Citibank, William Rhodes, volta a se reunir aqui em Nova York para discutir o problema da dívida brasileira.

Depois das negociações conturbadas com a Argentina, em junho, que não tinha muito a mostrar no campo econômico aos banqueiros, e o México que está conseguindo prazos e condições melhores, o Brasil pode, este ano, obter maior facilidade quanto à liberação dos US\$ 4 bilhões em novos financiamentos para fechar 1985.

— Nada este ano será parecido com o jumbo de US\$ 6,5 bilhões do

ano passado. Aquele processo foi muito desgastante e achamos que neste ano o Brasil tem todas as condições de conseguir um **spread** (taxa de risco) menor, assim como menores juros dos bancos — continua o banqueiro.

O que ninguém discute nos Estados Unidos é que o pagamento de juros será bem mais alto no ano que vem. Este ano o Brasil está pagando US\$ 11 bilhões de juros. Em 1985, o País, na taxa atual da **prime rate** (taxa interbancária americana), a 13 por cento, pagará US\$ 15,2 bilhões. Este talvez seja o ponto mais difícil nas conversações do Ministro do Planejamento, Delfim Netto, em Washington, e de Affonso Celso Pastore aqui em Nova York.